

**INSTRUMENTOS LEXICOGRÁFICOS REGIONAIS:  
ESTUDO DE AMARAL (1920)<sup>53</sup>, TEIXEIRA (1944)  
E ORTÊNCIO (2009)**

Rayne Mesquita de Rezende (UFG)

[raynemesquita@hotmail.com](mailto:raynemesquita@hotmail.com)

Maria Helena de Paula (UFG)

[mhpcat@gmail.com](mailto:mhpcat@gmail.com)

**1. Considerações iniciais**

O trabalho que hora se apresenta assenta-se nos estudos do léxico, mais precisamente na lexicologia e na lexicografia, com enfoque na lexicografia regional.

Sabemos que os resultados do labor lexicográfico, sob as formas de dicionários de variadas tipologias, enciclopédias, vocabulários e glossários constituem um amplo acervo sistematizado das unidades lexicais da língua, seja no que diz respeito a explicações e definições relacionadas a fatores internos do sistema língua (dicionários, vocabulários e glossários), bem como as explicações relativas a informações exteriores à língua (enciclopédia); por isso, configuram-se objetos basilares para pesquisas que possibilitam o estudo da língua em diversos níveis (morfológico, lexical, semântico, gramatical, sintático, fonético etc.).

Assim, tendo como ponto de partida a observação de três produtos lexicográficos de cunho regionalista, sendo o vocabulário registrado por Amadeu Amaral (1976) na obra *O Dialeto Caipira*; o glossário presente em *Estudos de Dialectologia Portuguesa: Linguagem de Goiás*, de José Aparecido Teixeira (1944) e por fim o *Dicionário do Brasil Central – subsídios à filologia*, da autoria de Waldomiro Bariani Ortêncio (2009) é que teceremos algumas considerações sobre como a lexicografia, quando voltada para a esfera regional, torna-se um subsídio de grande valia para a legitimação da variação linguística das unidades lexicais, que adquirem sentidos diferentes conforme o âmbito regional em que é utilizada.

---

<sup>53</sup> Citaremos sempre pela edição de 1976.

## 2. Os estudos do léxico: classificações e subdivisões

Ao conjunto das unidades lexicais que denominam os elementos concretos e abstratos, que abarcam o universo de uma comunidade linguística intitulamos de léxico. Assim sendo,

O léxico de uma língua é que mais reflete nitidamente o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade (SAPIR, 1969, p. 3).

É através da investigação do léxico que podemos identificar a construção dos signos e os significados que designam por meio das palavras a totalidade de seres, objetos, sentimentos e ações recebidas e praticadas pelos indivíduos partícipes de uma sociedade organizada.

Em relação ao estudo do léxico, enquanto subsistema da língua e objeto de estudo da ciência linguística, há duas áreas que se debruçam sobre as questões advindas desse subsistema, a lexicologia e a lexicografia. Bideman (1984) distingue com clareza as particularidades de cada uma que, embora tenham o mesmo objeto de análise, têm enfoques diferentes.

A *lexicologia* estuda o léxico enquanto sistema e seus elementos constitutivos, já a *lexicografia* descreve o léxico, elaborando dicionários, dentre outros tipos de produtos, para a consulta e esclarecimento dos usuários da língua (BIDERMAN, 1984). Então, o traço distintivo entre ambas concentra-se nos seus objetivos e metodologia; ao passo que a primeira investiga os processos de formação, estruturação e desenvolvimento do léxico, a segunda registra e tenta organizar por meio de seus produtos, o mesmo léxico servindo-se dos pressupostos teóricos e dados apresentados pela lexicologia.

Feitos esses breves apontamentos acerca das ciências do léxico nos deteremos a partir desse ponto a tratar da lexicografia, de sua funções e a importância da atuação para a legitimação de unidades lexicais como parte do acervo lexical da comunidade linguística.

Dentre as ciências do léxico, a lexicografia surgiu antes da lexicologia. A finalidade de desvendar os significados das palavras, se dá desde a Grécia antiga, através da produção dos glossários anexados aos livros, os quais representavam o nascimento da lexicografia (KRIEGER, 2006).

Welker (2011) destaca que a lexicografia opera nos eixos prático e teórico, sendo considerada por alguns autores uma subdivisão, entre a

produção de dicionários e instrumentos lexicográficos diversos e metalexicografia ou lexicografia teórica, pesquisas sobre dicionários.

Então, ao estudo de técnicas para a confecção e classificação de dicionários fazem parte do campo de pesquisa da metalexicografia, enquanto que a produção do dicionário, é parte da lexicografia prática. Passemos a seguir para uma breve distinção entre os tipos de produtos lexicográficos. Restringimo-nos nesse trabalho a discorrer com mais afinco apenas sobre os tipos que presentes no mesmo.

A classificação tipológica dos instrumentos lexicográficos constitui um processo bastante complexo, uma vez que dentro de um dos seus tipos, os dicionários, existem vários subtipos. Partimos então para a classificação geral dos tipos de instrumentos que são basicamente as que seguem: enciclopédia, dicionário, glossário e vocabulário (COELHO, 2008).

Nosso *corpus* de investigação neste estudo se compõe de três tipos desses objetos, que descreveremos a seguir:

- a - **vocabulário**: apresenta o conjunto das palavras de um determinado campo da língua ou ainda de uma norma linguística, de um segmento qualquer da língua (regional social, técnico etc.). O que o distingue do dicionário é que as informações apresentadas nos seus verbetes são mais reduzidas trazendo na maioria dos casos apenas o lema e a definição. Sua macroestrutura também é menor, pois descreve apenas uma fração da língua.
- b - **glossário**: este é definido por Biderman (1984, p. 139) como uma relação de palavras que ajuda o leitor na compreensão de um texto. Estes aparecem geralmente nos finais de livros ou textos;
- c - **dicionário**: constitui uma organização sistemática do léxico de uma língua, por meio do registro e da definição das unidades lexicais de que o mesmo é composto (BIDERMAM, 2001). Consoante à afirmação feita acima, de que a categoria dicionário subdivide-se em diversos tipos, de acordo com a proposta lexicográfica, temos então os tipos; geral/padrão, parciais (de regionalismos, gírias, jargões etc.), especializados (técnico ou terminológico), escolar, histórico, *thesaurus*, multilíngues, dentre outros, estruturados semasiologicamente. Quanto aos onomasiológicos, temos o analógico, o ideológico e o temático.

Feita a distinção entre os tipos de objetos lexicográficos em que nos basearemos, seguem apontamentos gerais, no que diz respeito a sua forma e conteúdo.

### **3. Breves apontamentos sobre produção lexicográfica regional**

Nesta seção, faremos a descrição de cada um dos três instrumentos lexicográficos que constituem o *corpus* desse estudo, ressaltando suas principais características. Em seguida, discutiremos sobre como a lexicografia pode contribuir para o estudo e a legitimação dos regionalismos, uma vez que o registro de uma unidade lexical em um acervo lexicográfico, independentemente de sua natureza, lhe confere a autenticação de como se dá parte dos usos de uma comunidade linguística.

De início esclarecemos que a tanto o “Vocabulário” de Amaral (1976), como o “Glossário Regional” de Teixeira (1944), são partes integrantes de obras cuja temática é a variação linguística diatópica<sup>54</sup>.

O primeiro traz uma investigação acerca do dialeto caipira no interior do estado de São Paulo. Já o segundo tem como foco a variação linguística no estado de Goiás.

Quanto ao último elemento que integra essa tríplice, trata-se do *Dicionário do Brasil Central*, de Ortêncio (2009), obra também de caráter regionalista cujos traços principais mais adiante destacaremos.

O “Vocabulário” que compõe o quinto capítulo da obra *O Dialeto Caipira*, da autoria de Amadeu Amaral (1976), apresenta uma descrição da proposição do autor ao elaborá-lo, qual seja, reunir os “brasileirismos”, correntes no estado São Paulo, usados pelos roceiros e caipiras, destacando que o seu linguajar diferia dos falantes que viviam na cidade, ainda que fossem incultos (AMARAL, 1976). Totaliza 1.720 verbetes, em ordem alfabética, com orientação semasiológica.

A estruturação dos verbetes tem a seguinte ordem: 1º) o lema, em letras versais e foram grafadas conforme o autor ouvia de seus informan-

---

<sup>54</sup> O conceito de variação diatópica/regionalismo em que nos embasamos parte da proposição de Bidelemam (2001, p. 136) “creio que se pode definir como *regionalismo*: qualquer fato linguístico (palavra, expressão, ou seu sentido) próprio de uma ou de outra variedade regional do português do Brasil, com exceção da variedade usada no eixo linguístico Rio/São Paulo, que se considera como *português brasileiro padrão*, isto é, a variedade de referência [...]”.

tes. Em alguns casos, quando há uma diferença considerável entre esse registro e as regras ortográficas da época (1920), Amaral traz escrito em itálico a grafia correta após o registro da lexia como fora pronunciada; 2º) em seguida, a categorização léxico-gramatical; 3º) a definição, que apresenta os sentidos que as unidades adquiriram dentro do contexto caipira; 4º) por fim, para uma quantidade considerável de verbetes, coloca algumas abonações retiradas de obras literárias que, segundo Amaral (1976), têm a função de demonstrar situações reais de uso.

Observemos os verbetes a seguir, retirados do vocabulário caipira de Amaral (1976):

ESPARRAMO, s. m. – ato ou efeito de esparramar; desordem, confusão: “Vacêis num me atente num me atente que sinão ainda faço um *esparra-mo*” (p. 131).

PESCOCEÁ (R), v. t. – dar pescoção: “Quelemente *pescoceou* a Mariona”. (C. P) (p. 164).

É interessante atentar que, embora Amadeu não fosse lexicógrafo ou dicionarista, o mesmo demonstra ter um cuidado metodológico apurado, quanto à estruturação dos verbetes. É fato que devido a suas condições de produção, no início da década de 20, o vocabulário contém algumas lacunas, mas que não interferem no sucesso de sua proposição de inventariar as palavras mais recorrentes na fala dos caipiras paulistas.

Há que se considerar, ainda, que os estudos sobre a metodologia empregada na produção de dicionários no período contemporâneo a esse autor, no Brasil, nem dava seus primeiros passos.

No intuito de fazer a descrição do segundo instrumento observado, destacamos que José Aparecido Teixeira (1944) tem como base a variação linguística no estado de Goiás nos níveis diatópico e diastrático em meados das décadas de 30 e 40. Durante a sua investigação sobre o linguajar goiano, este considera também a variação dos falares de acordo com as classes sociais dos observados, as quais ele divide em culta, semiculta e analfabeta.

A divisão geográfica do estado de acordo com a linguagem registrada foi feita por cidades e zonas (central, nordeste e norte), ou então a unidade lexical era classificada como de uso geral. Teixeira (1944) aponta 23 cidades goianas, dentre as quais duas atualmente fazem parte do estado do Tocantins. Isso se explica porque na época da publicação de *Estudos de Dialetoologia Portuguesa: Linguagem de Goiás*, Tocantins ainda não havia sido desmembrado de Goiás.

As 253 unidades lexicais inventariadas por Teixeira (1944) no “Glossário Regional” apresentam uma forma peculiar, não são estruturadas como verbetes, e sim dispostas em uma tabela, na ordem alfabética e semasiologicamente. Ademais, as páginas do glossário não são enumeradas.

Figuram nessa sequência: 1º) as marcas de uso que se segmentam em neologismo, neologismo semântico, brasileirismo, portuguesismo e arcaísmo; em certos casos, ainda que não conste na lista de abreviaturas do glossário, o autor classifica as lexias como “etm. pop.”, logo, etimologia popular; 2º) o lema; 3º) a classificação léxico-gramatical; 4º) a significação/definição, acompanhada da abonação na célula ao lado. Por vezes, a abonação aparece cumprindo o papel da definição, quando ao que tudo indica, o autor não encontra como sinônimo uma lexia semelhante no léxico geral para colocar como acepção; 5º) por fim, o local onde a ocorrência da unidade lexical foi registrada, dividido em cidades, ou no caso de mais de um lugar, zonas. A tabela a seguir ilustra nossa observação:

| Classificação | Vocabulo        |      | Significação                           |                                                                                                | Local   |
|---------------|-----------------|------|----------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|
| Brasileir.    | Briquitar       | v.   | Lutar, pelejar                         | Em Minas significa – matar o tempo, entreter-se. C. Figº. propõe o último: briquitar, brincar. | Ipameri |
| Neolog.       | Butelo e bitelo | s.m. | Pessoa ou objeto de enormes proporções |                                                                                                | Geral   |

**Tabela 1** – Demonstrativo da estruturação dos verbetes na seção “Glossário Regional”, de Teixeira (1944).

Passamos agora para a descrição do último objeto lexicográfico que compõe nosso *corpus* o *Dicionário do Brasil Central – subsídios à filologia* (2009), em sua segunda edição.

Salientamos que as exposições feitas aqui partem da observação da macro e da microestrutura do referido item na versão digital, que acompanha o formato impresso, embora em alguns momentos tivemos que recorrer ao formato tradicional a fim de sanar algumas dúvidas, posto que ambos os formatos apresentam algumas diferenças, no que diz respeito às seções apresentação/proposta lexicográfica, que não constam na forma digital.

O dicionário traz o registro de regionalismos do Centro-oeste brasileiro retirados de *corpora* de origem diversificada (oral e escrita). Trata-se de um acervo semasiológico com cerca de 9.000 verbetes na versão impressa<sup>55</sup>.

Ao abrirmos o aplicativo do dicionário, surgem listadas a esquerda de tela todas as entradas. Os significados aparecem à direita, quando clicamos em um dos lemas. Na parte superior há a barra de tarefas, que contém uma caixa de pesquisa funcionando como mais uma alternativa para a procura dos verbetes, seguida das seções *ajuda*, *guia do leitor*, *ficha técnica*, *bibliografia* e *autores consultados*.

Em relação a sua microestrutura, temos à esquerda o lema e à direita a definição que, por vezes, é dada de simplesmente através de uma abonação retirada em grande parte dos casos de obras literárias, implicando a ausência da definição por sinonímia ou paráfrase do termo definido.

A transcrição do verbete abaixo contempla nossas considerações:

| Verbete | Acepção                                                                                          |
|---------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Lorota  | Mentira; conversa fiada: "... Brito caçava lugar firme para pregar a lorota." H. Borges, CM, 74. |

**Tabela 2** – Demonstrativo de verbete retirado de Ortencio (2009), em versão eletrônica.

Feita a exposição das particularidades que observamos em cada um dos elementos que serviram de *corpus* para nosso trabalho, constatamos que a contribuição da lexicografia para o estudo dos regionalismos é bastante válida, mas que precisa seguir alguns paradigmas de produção para que se torne fonte de pesquisa confiável. Sobre essa temática, Frubel e Isquerdo (2004) asseveram que,

Diversamente dos dicionários gerais que descrevem a língua escrita e registram o repertório lexical da modalidade padrão da língua, os dicionários de regionalismos reúnem o acervo lexical de uma subnorma, funcionando como documentação dos usos dialetais – variação linguística no eixo horizontal[...] (FRUBEL; ISQUERDO, 2004, p. 153).

<sup>55</sup> Devido a algumas disparidades nas seções que citamos no texto anteriormente, não podemos afirmar com certeza se o dicionário digital contém a mesma quantidade de verbetes do que o formato tradicional. Ademais, o autor não fornece nenhuma informação que nos permita elucidar essa questão.

Considerando os dicionários de regionalismos, bem como os glosários e vocabulários produzidos com esse teor como documentos, visualizamos a importância desses acervos, que muito além de listas de palavras e seu significados, guardam as peculiaridades linguístico-culturais de uma comunidade, sua memória e seus costumes denotando também as mudanças que ocorridas no âmbito extralinguístico, que inevitavelmente são absorvidas pelo léxico. “E é pelo léxico que se pode avaliar a ideologia vigente num determinado grupo social, numa determinada época” (BORBA, 2003, p. 307).

#### **4. Palavras finais**

Ao longo desse trabalho, procuramos discorrer sobre como a ciência lexicográfica e seus instrumentos contribuem para o registro e legitimação de uma unidade lexical com regionalismo.

No encalço de tal objetivo, investigamos três tipos diferentes de obras lexicográficas, elaboradas em épocas distintas (dois na primeira metade do século XX e o outro consiste numa edição ampliada da primeira década do século XXI).

Durante nosso percurso teórico-metodológico, percebemos que todas as três obras, apresentam algumas disparidades no que tange a micro e macroestrutura, partes que integram objetos lexicográficos de variada tipologia, uma vez que a sua produção requer uma série de etapas que vão desde a seleção do *corpus*, passando pelo recorte da língua que se enseja recobrir, a seleção da quantidade de palavras, da qual resultará a nomenclatura da obra, até a estruturação do verbete.

Contudo, nosso enfoque não era o de fazer uma análise prioritariamente metalexicográfica, mas demonstrar que a lexicografia contribui para além do estudo do léxico, que sejam repensadas as questões como a das várias normas linguísticas, sua legitimação e reconhecimento enquanto formas válidas de realização da língua.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC / Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida. Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Edufms, 2001, p. 13-22.

\_\_\_\_\_. Os dicionários na contemporaneidade: arquiteturas, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida. Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Edufms, 2001, p. 131-144.

\_\_\_\_\_. O dicionário padrão da língua. *Alfa*. São Paulo, vol. 28 (supl.), n. 42, p. 27-43, 1984b.

BORBA, Francisco da Silva. Montagem de dicionários de língua. In: \_\_\_\_\_. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Unesp, 2003, p. 301-333.

COELHO, Braz José. Dicionários – estrutura e tipologia. In: \_\_\_\_\_. *Linguagem: lexicologia e ensino de português*. Catalão: Modelo, 2008, p. 13-43

FRUBEL, Auri Claudionei Matos; ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do falar sul-mato-grossense: aspectos lexicográficos e socioculturais. In: \_\_\_\_; KRIEGER, Maria da Graça. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Edufms, 2004. p. 153-166.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Edufms; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 283-293.

\_\_\_\_\_. Acheias para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 9-24, 2006.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 158-171.

ORTÊNCIO, Bariani. *Dicionário do Brasil Central: subsídios à filologia*. 2. ed. rev. e ampl. Goiânia: Kelps, 2009.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: \_\_\_\_\_. *Linguística como ciência*. Acadêmica, 1969, p. 43-62.

TEIXEIRA, José Aparecido. *Estudos de dialectologia portuguesa: linguagem de Goiás*. São Paulo: Anchieta, 1944.

WELKER, Herbert Andreas. Conversando com estudiosos de lexicografia. In: XATARA, Cláudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (Orgs.). *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola, 2011, p. 27-133.